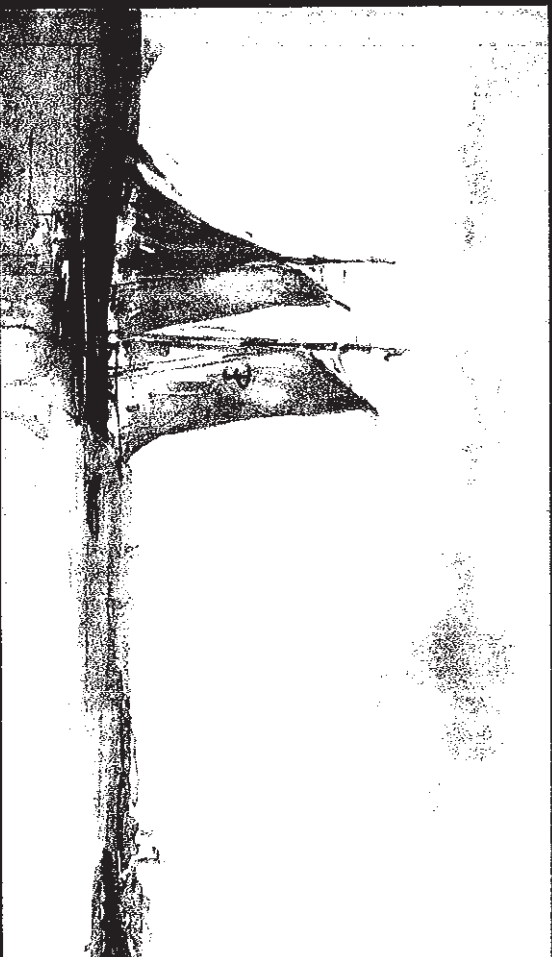


XII Cursos Internacionais de Verão de Cascais



XII Cursos Internacionais de Verão de Cascais

A Democracia Europeia

Património Cultural: Classificação, Intervenção, Manutenção

A Comunicação e o Poder Económico

Fundamentalismos Religiosos e Convivência de Culturas

Medicinas Complementares e Alternativas

Serões Literários



Cascais
Câmara Municipal

ICES

Instituto de Estudos de Cascais

COMENTÁRIO À INTERVENÇÃO DE JOSÉ MANUEL NOBRE-CORREIA

*Helena de Sousa**

Agradeço a oportunidade que me foi dada para tecer alguns comentários à intervenção do Prof. Doutor José Nobre-Correia. Procurarei, em breves minutos, dar conta de algumas reflexões que a sua intervenção me suscitou.

Quando olhei para o tema da sessão e vi “Panorama sócio-económico dos *media* na Europa”, a primeira questão que me ocorreu foi a seguinte: é possível reflectir genericamente sobre este panorama? Fiquei, de facto, com algumas dúvidas sobre o que seria possível elaborar quando o objecto de atenção é tão abrangente. Na sequência dessa preocupação, que seria minha se fosse confrontada com isso, procurei estar atenta às opções que o Professor Nobre-Correia entendeu fazer para dar resposta a esse desafio que é, na minha opinião, enorme.

O Professor Nobre-Correia tomou, na sua abordagem a este vasto tema, um conjunto de opções que me parecem de grande pertinência. Que opções foram essas em termos teóricos ou disciplinares? Parece-me que se baseou na sociologia da comunicação, na sociologia dos *media* e na economia política dos *media* (trabalha claramente com as relações do poder). Deu ainda uma grande importância à história ao longo de toda a sua intervenção.

Uma outra questão diz respeito às fronteiras geográfico-políticas. Quando falamos da Europa, de que Europa é que estamos a falar? As opções do Professor Nobre-Correia foram no sentido da Europa dos quinze, embora tivesse feito

* Universidade do Minho.

algumas referências à Europa dos vinte e cinco. Quando falamos dos processos de concentração, temos naturalmente que nos situar geográfica e politicamente, sem nunca esquecer as dinâmicas económicas que frequentemente ultrapassam estados e continentes.

Em termos de fronteiras temporais, estava igualmente interessada em conhecer as opções que seriam tomadas. Fez uma considerável incursão histórica e marcou bem os anos 60 e os anos 70. Trabalhou o tempo de forma linear, dando realce a alguns anos e algumas décadas que me parecem centrais.

Mas as opções a tomar, quando se enfrenta um tema desta grandeza, não ficariam por aqui. Iria analisar as questões locais ou questões nacionais? Iria fazer uma análise, ainda que altamente segmentada, país a país ou procuraria teorizar sobre a Europa no seu todo? Como iria colocar as questões transnacionais?

Na sua intervenção, o Prof. Nobre-Correia olhou pontualmente para os países que considerou mais relevantes e fez uma opção, que achei muito interessante, a da análise das regiões geo-linguísticas ou área culturais e linguísticas fundamentais para a compreensão das dinâmicas de concentração dos *media*.

Por fim, importava dar atenção às opções em termos de suportes. Quando falamos dos *media*, de que suportes estávamos a falar? O Professor Nobre-Correia fez escolhas essencialmente ligadas à televisão, à rádio, à imprensa – trabalhou bastante a imprensa – e focou, já numa fase final, a Internet.

Diria que o desafio que foi lançado ao Professor Nobre-Correia foi particularmente difícil. Não é fácil construir objectos de estudo num panorama tão alargado, mas essa dificuldade foi sendo desmontada à medida que as suas opções se tornavam nítidas para a audiência. Não é efectivamente fácil pensar uma Europa no seu todo. As realidades são muito distintas e as dinâmicas muito fluidas.

Dentro das opções mais estruturais, o Professor Nobre-Correia entendeu olhar para o processo de concentração. Diria que estes processos correspondem ao que de mais importante ocorre hoje na Europa relativamente às grandes tendências. Não vou repisar este tema porque a sessão foi muito elucidativa. Vou apenas referir uma pequena nota que talvez não tivesse sido muito enfatizada. Penso que em termos de processos de concentração, é cada vez mais nítido o decréscimo da importância do jornalismo nos grupos de comunicação. O entretenimento está claramente a assumir uma grande preponderância nos negócios globais dos grupos multimédia. Mas, tendo em consideração a qualidade e a clareza da sessão sobre a concentração e numa lógica complementar, iria referir sucintamente algumas

(outras) as grandes tendências sócio-económicas dos *media* na Europa nos últimos quinze a vinte anos.

Penso que uma outra grande tendência que se articula com esta é o processo de globalização. Este processo é extraordinariamente complexo e, como é evidente, não poderei dar conta dele aqui em pormenor, mas acho que é importante percebermos que há um cada vez maior distanciamento entre quem produz e quem recebe, ou seja, os processos de recepção distanciam-se dos locais onde são produzidos e as decisões de publicação e transmissão dos conteúdos são cada vez mais remotas dos próprios receptores.

Um outro processo que penso que corresponde a uma tendência geral dos *media* na Europa tem a ver com o processo de convergência. Hoje em dia todos os conteúdos se podem transformar em linguagem informática. Esse processo de transformação da imagem, do som, da palavra em linguagem informática faz com que os processos de transmissão e os processos de recepção sejam muito diferentes daqueles que eram até há bem pouco tempo. E não podemos deixar de equacionar isso se queremos perceber também as mudanças na Europa.

A questão da comercialização é outro aspecto que gostava de referir. O Professor Nobre-Correia também falou no fim dos monopólios de serviço público. Acho que a hiper-comercialização é, na minha opinião, uma das grandes tendências europeias e, se quisermos, em todo o mundo ocidental. Genericamente os *media* tomam as suas opções estratégicas em função de considerações comerciais, independentemente daquilo que possamos pensar e argumentar. Há considerações comerciais, avaliam-se os riscos e os potenciais lucros. A hiper-comercialização articula-se com uma outra tendência – a marginalização dos conteúdos. Um conteúdo que não tenha sucesso no mercado tende a ser marginalizado. Em princípio, tudo o que tenha a ver com expressões minoritárias de gosto não tem grande importância porque a lógica é de lucro e aquilo a que nós assistimos é claramente um processo de valorização dos conteúdos que apalem às grandes maiorias.

Uma outra tendência para a qual penso que devemos estar bastante atentos consiste na questão dos novos *media*, das novas tecnologias e das novas ferramentas informáticas. De facto, há uma enorme proliferação de novas fontes alternativas de informação. A própria Internet permite hoje processos de auto-publicação que seriam impensáveis há meia dúzia de anos. Claro que há riscos associados a isto, haverá dificuldades nos processos de regulação dos conteúdos, mas também existirão vantagens, nomeadamente no que diz respeito à

impossibilidade de silenciamento de determinadas vozes. Isso, de alguma forma, pode dar-nos alguma esperança no contexto que o Professor tão bem equacionava.

Perante estas tendências, que desafios é que se colocam aos investigadores e a todos nós como pessoas interessadas nos *media* e na sua compreensão? Penso que um dos grandes desafios é o entendimento da natureza da mudança. Quem ouviu o Professor Nobre-Correia percebe que há muita coisa que está a mudar.

Acho que nós, académicos ou pessoas que ouvimos e assistimos à rádio, à televisão, etc. possivelmente não estamos a compreender a natureza dessa mudança. Isto corresponde apenas a uma aceleração de tendências, a uma evolução, ou há indícios de alterações mais profundas? São mais importantes as continuidades ou as mudanças? Há um conjunto de dúvidas e de problemas que não são ainda de resposta clara, embora na literatura não faltem os novos paradigmas da era digital, as eternas revoluções das comunicações.

Um outro desafio que penso que importa considerar, neste contexto de análise da Europa e da sua situação sócio-económica, tem a ver com as contra-tendências. O Professor Nobre-Correia deu-nos conta de uma tendência que acho extraordinariamente importante: a concentração. Muito sumariamente, dei conta de uma ou outra tendência que acho que também merece ser considerada. No entanto, entendo que, como académicos, trabalhamos insuficientemente as contra-tendências. Ou seja, depositamos esforços a compreender a concentração, mas trabalhamos insuficientemente os processos de diversificação; trabalhamos mais a homogeneização, a standardização e, se calhar, não fazemos o mesmo esforço para a compreensão dos fenómenos de resistência. Trabalhamos a comercialização - e é importante que a continuemos a trabalhar -, mas não sei se estamos suficientemente atentos às questões que se prendem com a cidadania, com os movimentos sociais, com a proliferação de conteúdos gratuitos (quaisquer que sejam as motivações) na Internet e noutros suportes.

Um outro desafio que me parece crucial tem a ver com o desenvolvimento de perspectivas críticas. Com isto quero dizer que temos responsabilidades na compreensão profunda dos fenómenos sociais. Considerando crucial a análise profunda e devidamente contextualizada, acho que devemos desenvolver disciplinas que têm uma forte tradição crítica, como - por exemplo - a economia política dos *media* e os estudos culturais.

Penso ainda que devemos fazer uma tentativa de um reforço muito sério de alianças inter-disciplinares. Aquilo com que nós somos confrontados hoje, em termos de transformações mediáticas, não se resolve, do ponto de vista explicativo,

como uma disciplina apenas. Está ultrapassada essa fase e parece-me que devíamos tentar ser o mais honestos possível no sentido de procurar todos os recursos teóricos para, de alguma forma, tentarmos compreender aquilo que se passa.

Acabarei com uma reflexão sobre a relação entre o conhecimento e a acção. A investigação que o Professor Nobre-Correia faz é uma investigação que deve ser voltada para compreender a realidade ou para a interpretar. É ou não uma obrigação académica desenhar investigação que contribua efectivamente para qualificar os decisores sociais e as sociedades em geral? A relação entre o conhecimento e a acção merece ser reequacionada. Se entendemos que os políticos devem ter uma visão de futuro para poderem pensar e para poderem agir no presente, pergunto se nós, enquanto académicos, devemos (ou não) incorporar e assumir as nossas visões de futuro no desenho e no desenvolvimento dos projectos de investigação.

Muito obrigada.

SUMÁRIO

Apresentação	
A Democracia Europeia	
Coordenação: Teresa de Sousa	
Modelo de integração e acção externa da UE: Limites e virtualidades	
ÁLVARO DE VASCONCELOS	
O Modelo Social Europeu e os desafios da globalização e da Democracia	
MARIA JOÃO RODRIGUES	
Uma superpotência de novo tipo? Como é que o mundo olha para a Europa	
CARLOS GASPAR	
Património Cultural: Classificação, Intervenção, Manutenção	
Coordenação: CICOP Portugal	
O património imaterial no contexto da sociedade portuguesa actual	
LUÍS MARQUES	
O património incorpóreo como meta-património. Algumas notas de reflexão	
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES	
Metodologias e avanços tecnológicos	
LUÍS AIRES-BARROS	
Em busca da durabilidade cultural perdida	
RUI-MÁRIO GONÇALVES	
A Comunicação e o Poder Económico	
Coordenação: Mário Mesquita	
La logique de la concentration des médias et les limites de l'autonomie du journalisme	
NADINE TOUSSAINT DESMOULINS	
Comentário à Intervenção de Nadine Toussaint Desmoulin: A lógica da concentração dos media e os limites da autonomia do jornalismo no âmbito europeu	
PEDRO BRAUMANN	
O impacto da propriedade dos media no jornalismo português	
CARLA MARTINS	
La comunicación en España 30 años después de Franco (1975-2005)	
DANIEL E. JONES	
Da oligopolização do pluralismo...	
J-M. NOBRE-CORREIA	

Comentário à intervenção de José-Manuel Nobre-Correira FERNANDO CORREIA	157
Comentário à intervenção de José-Manuel Nobre-Correira HELENA DE SOUSA	163
Práticas jornalísticas e concentração dos media: da experiência italiana à norte-americana DENNIS F. REDMONT	169
Fundamentalismos Religiosos e Convivência de Culturas	
Coordenação: António Farinha e Guilherme d'Oliveira Martins	
Fundamentalismos religiosos e convivências de culturas na actualidade GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS	181
Mesa Redonda: Intervenção 1 JOSÉ LEITÃO	191
Mesa Redonda: Intervenção 2 ESTHER MUCZNIK	193
Lei islâmica e convívio intercultural: os mouriscos no Portugal quinhentista ROGÉRIO RIBAS	201
La intransigencia católica en España: Las campañas antisectarias del P. Juan Tusquets (1927-1939) JORDI CANAL	225
Medicinas Complementares e Alternativas	
Coordenação: Mário Simões	
Acupuntura HELENA PINTO FERREIRA	257
Medicine et Orthomoléculaires: la vraie médecine nutritionnelle est en train de naître. C'est d'elle que viendront les solutions aux maladies de notre temps DOMINIQUE RUEFF	275
Serões Literários	
Os intelectuais europeus entre as duas guerras: de Stefan Zweig a André Gide ANTÓNIO MEGA FERREIRA	293
Thomas Mann e o Nacional-Socialismo: Representações do intelectual perante a decisão TERESA SERUYA	311
Lista de Participantes	325